

REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | Fluxo contínuo

Uma análise das práticas pedagógicas voltadas para estudantes com dislexia a partir de uma reflexão cinematográfica

An analysis of pedagogical practices aimed at students with dyslexia from a cinematographic reflection

Un análisis de las prácticas pedagógicas dirigidas a estudiantes con dislexia desde una reflexión cinematográfica

Mirela Lopes de Castro
Tícia Cassiany Ferro Cavalcante
Viviany Andréa Meireles Alves

RESUMO

Este artigo trata de uma análise do filme "Como estrelas na terra toda criança é especial" a partir de uma reflexão sobre as práticas pedagógicas e o olhar de afetividade do professor voltadas para as crianças com dislexia, relacionando-se com o contexto educacional brasileiro. Apresentamos as práticas pedagógicas que Nikumbh, professor de Ishaan, utiliza com o menino, trazendo a relevância de práticas específicas para as crianças com dislexia. Destacamos que a temática dislexia precisa ser amplamente discutida no âmbito educacional, para que comece a existir um olhar mais atento às especificidades desse público.

Palavras-chave: Dislexia; afetividade; práticas pedagógicas.

ABSTRACT

This article analyzes the film "like stars on earth every child is special", based on a reflection on pedagogical practices and the teacher's affectionate approach to children with dyslexia, in the Brazilian educational context. We present the importance of the teacher's gaze

and affection toward his students, establishing a relationship that will rescue them. This is in the Indian feature film denoting the relevance of the teacher interested in their students. In the fifth section we present the pedagogical practices that Nikumbh, Ishaan's teacher uses with the boy, showing the relevance of specific practices for children with dyslexia. We emphasize that the dyslexia theme needs to be widely discussed in the educational field, so that there is a closer look at the specifics of this audience.

Keywords: Dyslexia; affection; pedagogical practices.

RESUMEN

Este artículo analiza la película "como protagonistas de la tierra cada niño es especial", a partir de una reflexión sobre las prácticas pedagógicas y la mirada de afecto del maestro hacia los niños con dislexia, en relación con el contexto educativo brasileño. Presentamos las prácticas pedagógicas que Nikumbh, el maestro de Ishaan, usa con el niño, aportando la relevancia de prácticas específicas para niños con dislexia. Destacamos que el tema de la dislexia necesita ser ampliamente discutido en el campo educativo, para que haya una mirada más atenta a las especificidades de este público.

Palabras-clave: Dislexia; afecto; prácticas pedagógicas.

Introdução

Apesar dos avanços relacionados aos estudos da dislexia, ainda se encontram muitas dificuldades na alfabetização e permanência dessas crianças no espaço escolar. Diante das diversas dificuldades que esses alunos encontram no seu cotidiano escolar, é comum que esses apresentem "baixo rendimento" em comparação aos demais alunos da turma.

Nesse sentido, este artigo busca, com base em pesquisas (SANTOS, 2020; PEREZ, 2016; SHAYWITZ, 2006; OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010) e da análise em perspectiva do longa-metragem indiano "Como estrelas na terra toda criança é especial", analisar as práticas pedagógicas utilizadas ao longo do filme, realizando uma leitura crítica das práticas que os professores podem utilizar em sua sala de aula na tentativa de alcançar os alunos que apresentem características como as do menino Ishaan.

Assim, levantamos uma breve discussão sobre as relações entre escola e família, o papel da afetividade do professor em sala de aula e as práticas pedagógicas desses professores com as crianças com dislexia. Aqui, faz-se relevante ressaltar a importância da indústria cinematográfica em produções de filmes como o referenciado, pois, além de alertar a sociedade para as especificidades desses alunos, pode auxiliá-los a se reconhecer e professores a lidar com esses alunos, fomentando curiosidade e mudança nas suas práticas em sala de aula. Dessa forma,

percebe-se que algumas pesquisas são realizadas com o intuito de refletir sobre problemas sociais a partir de uma discussão científica, ancoradas em propostas teóricas (SCHMIDT, 2012; SILVA; CAVALCANTE, no prelo); esse é o propósito do texto aqui reportado, focando em uma das necessidades educacionais específicas muito negligenciadas no cenário educacional.

Apesar das crescentes pesquisas sobre a dislexia, acreditamos que ainda existem lacunas a ser preenchidas, a exemplo do olhar para as características que podem indicar uma possível dislexia, bem como na condução na prática pedagógica. Por esse motivo incentivamos a discussão e o debate sobre esse tema em sala de aula na expectativa de alcançar docentes e discentes que ainda não têm conhecimento adequado sobre o tema.

1. Uma sinopse interpretativa do filme: à luz da educação

O filme “Como estrelas na terra toda criança é especial” é um longa-metragem indiano lançado no ano de 2007 com a direção de Aamir Khan. A produção cinematográfica é dividida em quatro momentos. No filme, uma criança indiana de nove anos passa por muitas dificuldades para ler e escrever, já tendo repetido o terceiro ano escolar uma vez, prestes a repetir a segunda.

É importante nesse primeiro momento uma breve descrição do ambiente escolar em que o personagem do filme se encontra para compreendermos a sua relação com a escola. A escola em que o menino chamado Ishaan (interpretado por Darsheel Safary) estuda classifica-se como uma escola tradicional. Dentro dessa perspectiva é importante ressaltar as práticas pedagógicas que predominam na escola, como por exemplo métodos uniformizadores e sistemáticos, contando com a avaliação apenas pelas provas que são realizadas, com o objetivo principal de “medir” o conhecimento dos alunos e sua capacidade de aprendizado.

Diante desse cenário, as pesquisas (LÜBECK; ROGRIGUES, 2013; AMORIM; OLIVEIRA, 2016; GUEDES, 2017; GIROTO; ARAÚJO; VITTA, 2019) mostram o prisma da educação tradicional como um modelo ultrapassado, que visa à homogeneização dos seus alunos em sala de aula, o que desencadeia realidades como a de Ishaan, que não encontra acolhimento frente às suas dificuldades. Ao falar sobre a dislexia, Guedes (2017, p. 2) ressalta:

Por ser um transtorno dificultador de aprendizagem, a dislexia implica desafios constantes relativos ao ensino-aprendizagem adequado aos indivíduos que possuem tal dificuldade. O primeiro desafio centra-se na formação continuada voltada para a diversidade, uma vez que a tendência na educação é homogeneizar o processo de ensino-aprendizagem, levando em consideração indivíduos que não apresentem dificuldades de aprendizagem.

Assim, com problemas na escola para ler, escrever e soletrar, Ishaan é considerado um aluno “idiota”, “burro” e “incapaz”, que não alcança as propostas

da turma, fazendo com que o menino tente de tudo para fugir das atividades escolares, inclusive ao demonstrar atitudes consideradas como “mau comportamento” e “insolência”. Contudo, essas atitudes, na verdade, mascaram as dificuldades que ele tem para realizar as atividades propostas pelos professores.

A partir dessas considerações é de total relevância pontuar as questões que dificultam o aprendizado das crianças com dislexia, pois é comum que esses indivíduos encontrem algumas barreiras que necessitam de mais investimento pedagógico em seu processo de aprendizado. Para compreender os processos, nesse sentido, Araújo *et al.* (2011) apresentam as etapas da evolução da aprendizagem, destacando que a aprendizagem vai distinguir-se em três estratégias de identificação, que são: 1- logográfica (identificação das palavras); 2- alfabética (associação das letras, gerando sentido para cada uma delas, com o início da conscientização das regras de grafema-morfema); 3- ortográfica (faz ligações entre a forma fonológica e a ortográfica).

Assim, conforme abordado, sabe-se que a criança com dislexia possui obstáculos no processamento de informações que desencadeiam a consciência fonológica, o que dificulta seu desenvolvimento alfabético e ortográfico. Algumas práticas realizadas também podem dificultar esse processo ao invés de auxiliar, como por exemplo a falta de instruções específicas na realização de atividades em sala de aula, o preconceito, falta de acolhimento e falta de acompanhamentos especializados, como fonoaudiólogo, psicólogo e psicopedagogo.

A falta de conhecimento sobre as dificuldades que Ishaan possui faz com que os professores o considerem apenas desinteressado, gerando um destrato com o menino, o que dificulta ainda mais sua relação com a escola. Após várias queixas da escola, Awasthi (interpretado por Vipin Sharma), pai de Ishaan, resolve que o que falta ao menino são disciplina e rigor, considerando seu filho como preguiçoso ou pouco esforçado, sempre em comparação ao desempenho escolar de seu filho mais velho Yohan (interpretado por Sachet Engineer).

Dessa forma, no segundo momento do enredo, o pai resolve mandar seu filho para um colégio interno por acreditar que nesse espaço o filho terá a disciplina e o rigor “necessários” para que melhore o seu desempenho escolar. Na escola nova, as práticas são tradicionais. Assim como na primeira, as crianças sentam-se enfileiradas, decoram os conceitos e respondem apenas quando perguntadas pelo professor, e os professores fazem uso das palmatórias para “disciplinar” o aluno e manter a “ordem” em sala de aula. Contudo, mesmo em uma nova escola, com métodos ainda mais rigorosos, Ishaan não oferece “resultados satisfatórios” como seu pai esperava. Em sua nova escola, o menino experimenta mudanças bruscas e repentinas quando é afastado de sua rotina e inserido em um espaço completamente diferente do que ele conhecia. Não encontrando o apoio da família e da escola e apresentando os mesmos problemas em sua aprendizagem

de outrora, Ishaan começa a apresentar pavor das aulas e se sentir desconfortável no espaço escolar.

No terceiro momento, chega à escola Nikumbh, um professor substituto de artes que logo percebe que há algo errado com o emocional do menino. Assim, Nikumbh começa um trabalho de investigação sobre o problema da criança, o que culmina no resgate da autoestima e da autoconfiança, possibilitando a recuperação das potencialidades de seu aluno.

O professor começa a identificar características em Ishaan que se assemelham a aspectos vivenciados por ele na infância, o que o levou a conjecturar a possibilidade de Ishaan ter o mesmo que ele - dislexia. Começa aí o desenrolar de um plano de ação (pedagógico) para ajudar o menino a desenvolver suas habilidades e potencialidades, resgatando o interesse de Ishaan em aprender. É a partir daí que as mudanças no aprendizado começam a aparecer, gerando também uma revolução no colégio interno em que ele estuda.

2.1 Dis.. o quê? Dislexia? O que é isso?

Para compreender as questões que envolvem a dislexia é importante, antes, defini-la. Há atualmente algumas conceituações sobre dislexia que podem ser encontradas em produções acadêmicas, instituições voltadas para a dislexia, órgãos de saúde, entre outros. Procuramos aqui trazer a definição conforme a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), que caracteriza a dislexia como:

Um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta habilidades básicas de leitura e linguagem. Ela tem suas raízes em diferenças nos sistemas cerebrais responsáveis pelo processamento fonológico que resultam em dificuldade para processar os sons das palavras e associá-los com as letras ou sequências de letras que os representam. Outros fatores que podem vir associados são déficits nas funções executivas, dificuldades no processamento auditivo e/ou visual e desenvolvimento psicomotor.

A partir desse conceito, buscamos relacionar as características apresentadas na trama pelo menino Ishaan com as características de crianças que são disléxicas e relatar a importância de estar atento a esses sinais para alcançar essas crianças. No filme, Ishaan apresenta alguns sinais, como: não coordena, mira e joga a bola onde ele deseja; não encontra disposição para ir à escola; não consegue vestir as roupas do lado certo; não consegue dar o "nó" da gravata; tem a escrita de algumas palavras espelhada; não encontra concentração para resolver problemas matemáticos; sua letra não respeita o limite gráfico; confunde palavras com sons parecidos; confunde letras com números; está sempre sendo "reconhecido" por sua "incapacidade"; não consegue ler, soletrar ou escrever.

Seguindo essas reflexões, apresentamos aqui algumas características comuns às crianças com dislexia em sala de aula no intuito de auxiliar professores no reconhecimento e identificação dessas crianças apenas na tentativa de oferecer o

suporte necessário para que permaneçam na escola e sintam-se parte desse espaço. Assim, segundo a ABD, as características dessas crianças são: “atraso no desenvolvimento da fala; problemas para formar palavras de forma correta, como trocar a ordem dos sons (*popica* em vez de *pipoca*) e confundir palavras semelhantes (*umidade* / *humanidade*); dificuldade para nomear letras, números e cores; dificuldade em atividades de aliteração e rima; dificuldade para decodificar palavras; erros no reconhecimento de palavras, mesmo as mais frequentes; leitura oral devagar e incorreta; pouca fluência, com inadequações de ritmo e entonação em relação ao esperado para a idade e a escolaridade; erros de soletração e ortografia, mesmo nas palavras mais frequentes; omissões, substituições e inversões de letras e/ou sílabas; dificuldade na produção textual, com velocidade abaixo do esperado para a idade e a escolaridade.”

Diante das informações apresentadas pela ABD das pesquisas realizadas (ARAÚJO 2005 apud MOUSINHO, 2003); REIS; 2018; BATISTA, RODRIGUES, SANTOS; 2019) e do cruzamento de características apresentadas no filme por Ishaan, encontramos um padrão que configura a dislexia. Os sinais que Ishaan apresenta embora não passem despercebidos, são negligenciados por sua família e pela escola, oferecendo ao menino apenas o lugar da invisibilidade e o apagamento das suas habilidades. Esse é um desfecho que não deve ser comum; essas crianças necessitam de um reconhecimento e aceitação de suas diferenças para que lutem contra a invisibilidade que é “oferecida” pela sociedade. Assim, é apenas ao encontrar um professor disposto a realizar as intervenções necessárias e que reconhece os sinais das dificuldades de Ishaan como dislexia que a mudança acontece com o garoto.

Agora, já visualizando as características desses estudantes e compreendendo a importância do papel docente no resgate desse aluno, podemos refletir sobre as questões da trama mescladas à realidade da educação brasileira. Reconhecemos que, durante os últimos 80 anos, a história da educação brasileira vem trazendo avanços e mudanças em nossa legislação, fazendo valer o direito e acesso à educação como fundamental e essencial, o que trouxe mudanças significativas para as práticas em sala de aula com contribuições desde Anísio Teixeira, Paulo Freire, Darcy Ribeiro até Magda Soares. Contudo, ainda temos caminhos a percorrer para que as crianças tenham uma educação de qualidade e uma educação que seja, de fato, inclusiva. Nessa perspectiva, é relevante ressaltar que desde 1988, quando é declarado na Constituição Federal que a educação é direito de todos e dever do Estado e da família, que novos espaços para os debates educacionais surgem e levantaram discussões que outrora eram silenciadas no espaço escolar.

Assim, as mudanças e avanços que encontramos atualmente na educação brasileira podem ser considerados como resultados dos esforços e pesquisas para compreender as questões que afastam os alunos da sala de aula de maneira

recorrente. Dentre essas questões vale ressaltar a importância do acolhimento, reconhecimento e respeito às diferenças de alunos com distúrbios de aprendizagem, compreendendo esse aluno e oferecendo a ele um lugar de visibilidade.

No bloco seguinte, abordamos brevemente a reflexão do que foi denominado “cultura da competitividade”, tomando como ponto de partida a compreensão que vivemos atualmente em uma sociedade cada dia mais acelerada, onde a maior preocupação é formar crianças com altos rendimentos, não levando em consideração as suas diferenças, mas as instigando a ver seus colegas de sala como “concorrentes” e estar sempre em uma competição. Essa discussão será pautada a partir das reflexões apresentadas no filme por identificarmos a heterogeneização das crianças em sala de aula por meio das práticas pedagógicas dos professores, representadas em ambas as escolas onde Ishaan estuda.

2.2 A cultura da competitividade escolar e a relação família-escola

A relação família-escola está sempre evidente nas pautas de reuniões pedagógicas. Nesse sentido, as escolas têm cada vez mais exigido a participação das famílias no ambiente escolar para lidar com as questões do cotidiano dos alunos e proporcionar uma relação de aproximação e clareza entre si. Segundo Oliveira, Marinho-Araújo (2010, p. 100), “a família é considerada a primeira agência educacional do ser humano e é responsável, principalmente, pela forma com que o sujeito se relaciona com o mundo, a partir de sua localização na estrutura social”. Dentro dessa perspectiva, é relevante ressaltar ainda que, segundo Vygotsky (1991, p. 56), “o aprendizado das crianças se inicia bem antes de estarem no espaço escolar. As situações que elas encontram no espaço escolar têm bastante história prévia”. Nesse, as crianças constroem novos conhecimentos, demonstrando que o processo de aprendizagem e desenvolvimento já ocorria antes de estarem na escola, o que denota que a criança vai se desenvolvendo e aprendendo nos primeiros anos de vida, principalmente em contato com a família.

No longa-metragem indiano, é possível perceber a relação que os pais de Ishaan têm com a escola como um espaço de competitividade. Para esses, a escola deve preparar seus filhos para a concorrência no mercado de trabalho no mundo, sem espaços para diálogo, apenas na busca por boas notas e resultados. É importante, dentro desse aspecto, ressaltar a perspectiva de produtividade que o pai do menino levanta. Há sempre uma competição acontecendo, uma produção em andamento, e altos rendimentos são necessários para comprovar que se está no caminho “correto”. Nesse sentido, compreendemos que vivemos em uma sociedade acelerada, que faz os pais buscarem resultados de competência em classificações e pódios, sem antes levar em consideração as individualidades e habilidades de cada um. Essa ótica da competitividade é vivenciada por Ishaan,

pois suas aptidões artísticas não são validadas pela família. No entanto, quando esses pódios e classificações não saem conforme esperados pelos genitores, é como se acendesse para os pais um alerta de “incompetência”.

Nesse sentido, Alvin (2011) aponta que a nossa sociedade segue nesse ritmo pela produtividade devido a diversas mudanças, como por exemplo modificações na economia, nas relações sociais, políticas e tecnologia. Assim, quanto antes inicia-se essa corrida e demonstram-se altos desempenhos, há mais possibilidades de alcançar o tão almejado “sucesso”.

É importante entender que no filme a escolha das escolas pela família reforça o desejo de que Ishaan consiga, por meio de competências linguísticas e lógico matemática, chegar ao sucesso almejado por seu pai. Assim, percebemos que só há valorização de outras habilidades, como por exemplo a artística, se vierem acompanhadas de altos desempenhos em outras competências. Essa é uma perspectiva comum em muitas escolas, que procuram dar ênfase apenas às competências linguísticas e lógicas matemáticas para dar conta dos conteúdos previstos, o que acaba por homogeneizar os seus alunos e “reduzi-los” a esses conhecimentos.

Dentro dessa perspectiva, levantamos aqui a importância de valorizar as diferentes habilidades das crianças, levando em consideração o conceito das inteligências múltiplas (IM) de Gardner. Assim, o professor que compreende que existem diferentes tipos de inteligências, que trabalha com seus alunos de diferentes maneiras os conteúdos e se dedica à compreensão dessas inteligências e de fato as valoriza, pode atingir seus alunos de maneira ideal, como apontam Gardner, Chen e Moran (2010):

Depois de duas décadas referindo sobre as implicações educacionais da teoria das IM, conclui que duas delas são fundamentais. Em primeiro lugar, os educadores que assumirem a teoria devem levar a sério as diferenças entre indivíduos e devem, ao máximo possível, moldar a educação de forma a atingir cada criança de maneira ideal. [...] Em segundo lugar, qualquer ideia, disciplina ou conceito importante deve ser ensinado de várias formas, as quais devem, através de argumentos, ativar diferentes inteligências ou combinações de inteligências (p. 21).

Nesse sentido, além da falta de diálogo com o aluno e da cultura da competitividade existente na sociedade, que acaba sendo reforçada pelos pais e pela escola, o ambiente escolar passa a ter um aspecto rígido e metódico, gerando um sentimento de aversão nas crianças disléxicas, que estão a todo momento se esforçando para alcançar as avaliações e exigências pedagógicas e que, por não atingirem um rendimento “satisfatório”, são tachadas como preguiçosos, burros ou desinteressados, como mostra o documentário *Journey Into Dyslexia*, produzido por Susan Raymond, e ainda como ressalta Perez (2016):

Conforme já se assinalou, a escola é o local onde a dislexia, de fato, aparece. Local onde a leitura e escrita são permanentemente utilizadas e sobretudo valorizadas. Mas com seus conteúdos, metodologias, organização, funcionamento e avaliação

ela potencializa a exclusão de alunos disléxicos. Não é por acaso que muitos portadores de dislexia não sobrevivem à escola e são por ela preteridos. A escola acaba por produzir a forma de viver de nossa sociedade, ou seja, valemos aquilo que produzimos. No caso da escola, o que acaba valendo, muitas vezes, é a competição, ou seja, o aluno que vai mal, que não apresenta notas satisfatórias, não passa de ano ou não pode se formar, ficando à margem da sociedade (p. 59).

Por isso, é importante trazer a discussão sobre o corpo escolar estar informado e consciente das questões de dificuldades de aprendizagem e transtornos específicos de aprendizagem da mesma maneira como acontecem as formações na educação inclusiva, ter trato e refino sobre as demandas que os alunos podem apresentar em sala de aula, para reconhecê-las e estar conscientes das suas diferenças, oportunizando aos pais diálogo e acolhimento. É dessa maneira que poderemos fazer com que pais e professores trabalhem juntos em favor desses estudantes.

Um fator importante que se soma à luta em prol do processo de ensino-aprendizagem dos estudantes com dislexia, bem como com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e outros transtornos de aprendizagem, foi a Lei 14.254, sancionada e decretada no dia 30 de novembro de 2021. Essa lei no seu artigo 1º legisla que cabe ao poder público desenvolver e manter programa de acompanhamento integral a esse público. No cenário educacional, menciona que cabe às escolas públicas e privadas, com o apoio da família e do sistema de saúde, a garantia do cuidado e da proteção aos estudantes com dislexia, TDAH e outros transtornos, com vistas a garantir o pleno desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, simbolizando um grande avanço para a comunidade disléxica, que outrora seguia em sala de aula desacompanhada.

Destarte, levantamos o debate da criança com dislexia e as relações na escola, pois, quando não há sinal de êxito na trajetória escolar da criança, seus pais acreditam que o problema está na escola e também nos professores, com justificativas como as apresentadas pelo pai de Ishaan: "Sessenta crianças, enfiadas numa sala, como uma professora pode dar atenção a todas?". Nesse sentido, o filme também incita uma reflexão sobre as dificuldades que os professores encontram em seu ambiente de trabalho, como por exemplo salas lotadas, alta demanda de atividades para os alunos e falta de auxílio em sala de aula. Assim, ficam evidentes também questões que apontam para as dificuldades que os professores encontram no próprio sistema educacional.

2.3 O olhar do professor

A afetividade na escola é um elemento crucial para o acolhimento dos alunos em sala de aula; o olhar sensível pode ultrapassar várias barreiras que são encontradas no cotidiano escolar. O professor que passa carinho, confiança, segurança e empatia em suas práticas pedagógicas do dia a dia pode encontrar

mais caminhos para atingir esse aluno. Aqui, o olhar do professor também é essencial para que as dificuldades dos alunos sejam percebidas e levadas em consideração.

No longa-metragem, Ishaan encontra vários professores em sua trajetória escolar, contudo, a maioria deles não olha com mais cuidado para o menino, apenas segue um estereótipo que foi colocado anteriormente nele como “preguiçoso”, “mau comportado”, “desinteressado” e “idiota”. Apenas na chegada de outro professor com uma visão diferente das tradicionais, as quais tentavam enquadrar o menino, é que as mudanças começam a acontecer. As outras capacidades e habilidades do menino, como artes, música e trabalhos manuais, que outrora eram consideradas sem importância em relação às competências tradicionais (matemática, português, história e geografia), começam a ser valorizadas pelo professor, gerando em Ishaan um sentimento de pertencimento que ele jamais havia experimentado na escola.

É nessa perspectiva que levantamos a discussão da afetividade no cotidiano escolar. Conforme Santos (2020, p. 3), “a afetividade no ambiente escolar está associada às interações e relações interpessoais de professores e alunos. A dimensão afetiva não é independente das relações intelectuais e se manifesta nos diversos momentos na vida pessoal e escolar de todos os alunos”. Nesse sentido, a afetividade torna-se parte relevante das relações entre os seres humanos; ainda assim, sendo a escola o principal vetor de socialização que as crianças possuem (depois da família), a afetividade torna-se elemento fundamental que se costura entre as relações.

Nesse sentido, além da afetividade no ambiente escolar permear as relações dos indivíduos, para os professores, a afetividade pode atuar favorecendo aspectos pedagógicos. Nessa perspectiva, além da compreensão sobre as manifestações da afetividade no cotidiano escolar, abordamos ainda a importância do olhar do professor para seus alunos. A partir do momento em que o professor se mostra atento às demandas dos seus alunos, é possível transformar não só suas aulas, mas o processo de aprendizagem dessas crianças, buscando por meio de suas práticas pedagógicas oferecer novas experiências para esses alunos. Segundo Santos (2020):

Os profissionais da educação, com destaque para os professores, expressam a afetividade nas diferentes ações educacionais. Além dos aspectos pedagógicos e didáticos, os gestos e atitudes dos docentes trazem implicações para a constituição dos comportamentos e subjetividades discentes e para os processos do ensino e aprendizagem escolar.

Assim, a afetividade dentro da escola também está relacionada às construções sociais que as crianças vão desenvolvendo ao longo da vida. Daí a importância dos professores, mesmo diante das dificuldades encontradas em sua jornada de trabalho, olharem para essas crianças com afeto e empatia, pois, mesmo diante das dificuldades encontradas em sala de aula, há algumas crianças que só

encontrarão compreensão, carinho e abertura para se expressar dentro da escola. Assim, se o afeto for combinado com práticas pedagógicas pensadas sob a perspectiva adequada para sua turma, é possível fazer a diferença no processo de aprendizagem e na trajetória escolar dessas crianças.

2.4 As práticas pedagógicas do professor

Neste tópico, abordamos a relevância das práticas pedagógicas do professor em sala de aula ser condizentes com as necessidades expressadas pelas crianças em suas especificidades. Como coloca Santana (2014, p. 31):

No contexto escolar, o professor é um importante agente externo, ativo na construção de conhecimentos. Para o teórico, a criança desenvolve-se a partir de suas construções internas (raciocínios, interpretações), assim como através das interações entre professor e colegas de sala (externas). São nessas interações que o professor, através de vivências criativas e instigantes, provoca a dinâmica da desequilibração e contribui para o processo de equilíbrio. O professor é sujeito ativo tal qual o aluno.

Contudo, antes da execução de uma prática pedagógica, é essencial ao professor conhecer seus alunos, pois é por meio da reflexão sobre as diferenças que compõem uma sala de aula que se pode obter um planejamento que alcance todas as crianças. Nenhuma criança possui a mesma trajetória ou é igual a outra; as crianças são seres únicos, em pleno desenvolvimento, experimentando o mundo.

Para que exista uma boa prática pedagógica é primordial um bom planejamento. Ao longo do filme, vemos que a figura dos professores segue um padrão, demonstrando que não há tempo nem espaço para que os alunos compartilhem suas reflexões e curiosidades; há apenas um método com rigor, que é encaixado como padrão nas aulas, como uma “receita de bolo”. Não há um planejamento que fuja aos muros da sala de aula ou que desperte seus alunos. Assim, as crianças, como indivíduos seres únicos e subjetivos, não são levadas em consideração; os conhecimentos são decorados e executados, não permitindo que a criatividade e emoções sejam externalizadas. Destarte, podemos observar que a escola representada no filme desconsidera a heterogeneidade dos alunos que compõem a sala de aula. Nesse sentido, é importante planejar considerando essas diferenças, conforme Brasil (2012) aborda:

Planejar o ensino no ciclo de alfabetização não é uma atividade fácil, sobretudo quando se considera a heterogeneidade em sala de aula, que implica diferentes necessidades; a complexidade do processo de alfabetização, que engloba diferentes dimensões do trabalho com a língua; e os diferentes percursos de vida dos estudantes. Tais aspectos são comuns a todas as realidades educacionais. Não há turmas homogêneas quanto aos conhecimentos acumulados ou ressignificados; não há turma com crianças com os mesmos percursos de vida, embora em alguns espaços as identidades sociais sejam mais consolidadas; não há métodos que eliminem as dificuldades próprias da alfabetização, pois o sistema de escrita é um só e exige conhecimentos integrados, além de termos, hoje, uma concepção de alfabetização que não se restringe ao domínio da base alfabética (p. 23).

É a partir da reflexão de alunos como seres únicos e protagonistas de seu processo de aprendizagem que o professor Nikumbh chega à escola com um planejamento e uma metodologia completamente diferente daquela que impera na escola Nova Era. Ao perceber que em sua sala de aula há um aluno que requer outros estímulos diferentes dos demais alunos da sala, o professor prontamente planeja atividades que vão além de estimular Ishaan: permitir que ele se sinta capaz de executar as instruções que lhe são passadas. É a partir das atividades desenvolvidas por Nikumbh que Ishaan vai apresentar uma evolução em seu desenvolvimento e suas aprendizagens.

Apresentamos a seguir algumas das práticas desenvolvidas pelo professor que puderam auxiliar o menino em seu desenvolvimento, como por exemplo: 1) *Estímulos sensoriais*: desenhando as letras em uma caixa de areia, compreendendo e sentindo a movimentação que as letras fazem; utilizar o alfabeto móvel; desenhar as letras no corpo com os olhos vendados para acertar qual letra corresponde à desenhada; 2) *Motricidade fina e grossa*: com a massinha de modelar fazer animais e letras de diferentes tamanhos e com riqueza de detalhes; quadro quadriculado para delimitar o espaço gráfico das letras e dos números; pintura em diferentes cores e tamanhos; amarelinha das operações de subtração e adição; 3) *Atividades fonológicas*: trabalhar sons iniciais das palavras e em seguida sons finais; soletração; praticar a escrita espontânea; 4) *Uso da Tecnologia*: ouvir a gravação com a pronúncia correta das palavras; leitura de livros com audiodescrição; jogos eletrônicos que fazem uso das setas no teclado com esquerda, direita, para cima e para baixo.

De acordo com a análise das atividades que são apresentadas ao longo do filme desenvolvidas pelo professor, é possível perceber que há uma relação entre o docente e o currículo, há um olhar delicado e específico, que em observação e estudo gera ajustes curriculares que reforçam as habilidades de Ishaan e trabalham diretamente com as dificuldades do menino. Nesse sentido, ressaltamos a importância dessas estratégias utilizadas pelo professor na adequação curricular.

Logo após as sequências didáticas e planejamentos do professor, o menino começa a apresentar evoluções significativas em seu desenvolvimento; daí a importância de um planejamento adequado às especificidades de cada criança. Nesse sentido, reafirmamos a importância do suporte aos professores que se deparam com crianças com dislexia em suas salas de aula, pois graças às crescentes pesquisas, instituições voluntárias, documentários e filmes é possível promover o acesso a informações sobre como a criança com dislexia aprende. Além dessas contribuições no câmpus acadêmico, é possível encontrar também pelo site da ABD algumas sugestões para que professores e pais possam, além de compreender a dislexia, auxiliar as crianças em sua alfabetização. Assim, o site fornece fichas de atividades que buscam ajudar na compreensão das palavras, oferece sugestão de

jogos e brincadeiras, leitura de livros, dentre outras informações que podem ajudar o professor em seu planejamento de maneira adequada.

Relacionando as atividades desenvolvidas pelo professor da trama, as sugestões que a ABD e as pesquisas encontradas (RIBEIRO; 2008; ALGERI; 2015; CAMARGO; GENIOLI, 2018) oferecem aos professores e profissionais que trabalham com crianças com dislexia, enxergamos a relação existente entre ambas para o desenvolvimento desses alunos. Daí a importância do professor estar atento a seus alunos e suas práticas de sala de aula, pois esse tem papel fundamental na aprendizagem dessas crianças.

3. Considerações finais

Dessa forma, concluímos que as crianças com dislexia podem aprender a ler e escrever quando suas necessidades são priorizadas e trabalhadas, mas para mudar a realidade de exclusão que essas crianças sofrem no espaço escolar é necessário que as práticas pedagógicas, assim como as avaliações desses alunos tenham um olhar individualizado e atento para as especificidades. Nikumbh, ao demonstrar preocupação e carinho por Ishaan, consegue alcançar o menino em uma situação de abandono escolar, onde, embora ele estivesse frequentando a escola, não sentia que fazia parte dela.

É importante ressaltar que as produções cinematográficas, como as deste artigo, podem trazer contribuições na formação dos professores, provocando reflexões e um senso crítico sobre a prática pedagógica. Essas produções podem suscitar esclarecimentos sobre como conduzir os fazeres pedagógicos para atender as necessidades específicas dos seus alunos. O filme em pauta aborda uma temática ainda pouco estudada na comunidade científica, sobretudo na área da educação. Estudos científicos precisam ser realizados na área da educação para inclusão e aprendizagem de estudantes com dislexia. O cenário é desenvolvido no contexto escolar e ressalta como a escola tradicional, pautada na homogeneidade, não atende as diferenças individuais na escola. Apesar de seu objetivo não se tratar da prática pedagógica, é possível fazer essas reflexões. O filme não possibilita, no entanto, entender algumas particularidades da dislexia, mas pode despertar o interesse por um olhar específico a um transtorno de aprendizagem.

Assim, é imprescindível o conhecimento do professor sobre as demandas que seus alunos podem apresentar em sala de aula – não apenas para os sinais de dislexia, mas para outros transtornos de aprendizagem e dificuldades de aprendizagem. Nesse sentido, o uso de pesquisas, filmes, formações e especializações pode contribuir para a mudança de comportamento dos professores em sala de aula, influenciando também a mudança dos seus alunos.

Por fim, ressaltamos a importância das contribuições cinematográficas para a educação, pois produções como essa podem levar os professores à reflexão sobre as atitudes dos seus alunos em sala de aula, despertando sua atenção para a investigação do comportamento dos seus alunos, podendo revelar outras causas existentes por trás do considerado “mau comportamento”.

Referências

ALGERI, M. S. Dislexia: uma desordem do aprendizado. *Revista de Pós-Graduação Multidisciplinar*, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 143-152, nov. 2017/fev. Vol. 10, Nº 22, jul/dez. 2015, Semestral. ISSN: 1809-6220; 2018.ISSN 2594-4800 | e-ISSN 2594-4797 | doi:10.22287/rpgm.v1i3.698.

ALVIN, J. L. *O papel da escola na orientação profissional: uma análise contemporânea da dimensão teórica e prática na cidade de Presidente Prudente-SP*. Mestrado em Educação. UNESP, 2011.

AMORIM, E. B. de O. S.; OLIVEIRA, G. F. Dislexia em perspectiva: Contribuições da psicopedagogia e da Psicologia. *Rev. Psic.*, v. 10(31), supl. 2, 2016.

BATISTA, M. de C.; RODRIGUES, F.; SANTOS, Lícia Maria dos; ARAUJO, Maria José de Azevedo. *Dislexia: uma barreira para o aprendizado da leitura e da escrita*. UNIT-Universidade de Tiradentes – SE, Trabalho de curso, 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. *Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: planejamento do ensino na perspectiva da diversidade: educação do campo: unidade 02*. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012.

BRASIL. *Lei n. 14.254 de novembro de 2021*. Dispõe sobre o acompanhamento integral para educandos com dislexia ou Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem. Ministério dos Direitos Humanos. Brasília: 2021.

CAMARGO, E. A. O.; GENIOLE, D. C. M. da S. Neuroeducação, dislexia e dificuldades de aprendizagem. *Revista de Pós-Graduação Multidisciplinar*, [S.l.], v. 1, n. 3, p. 143-152, fev. 2018. ISSN 594-4797. Disponível em: <<https://www.fics.edu.br/index.php/rpgm/article/view/698>>. Acesso em: 29 out. 2021. Doi: <https://doi.org/10.22287/rpgm.v1i3.698>.

GARDNER, H.; CHEN J.; MORAN S. *Inteligências múltiplas ao redor do mundo*. São Paulo: Artmed, 2010.

GIROTO, C. R. M.; ARAUJO, L. A. de; VITTA, F. C. F. de. Discursivização sobre “doenças do não aprender” no contexto educacional inclusivo: o que dizem os professores de educação infantil? *Revista Ibero-americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 14, n. esp. 1, p. 807-825, 2019. DOI: 10.21723/riaee.v14iesp.1.12208. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12208>>. Acesso em: 29 out. 2021.

GUEDES, K. C. Dificuldades de aprendizagem: a dislexia no ensino médio. *Anais CONBRALE – Congresso Brasileiro sobre Letramento e Dificuldades de Aprendizagem*. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30286>>. Acesso em: 29 out. 2021, 17:58.

MOUSINHO, Renata. Dificuldades de Aprendizagem - compreender para melhor educar: conhecendo a dislexia. *Sinpro-Rio*, 2003, p. 28.

LÜBECK, M.; DONDA, R. T. Incluir é Melhor que Integrar: uma concepção da Educação Etnomatemática e da Educação Inclusiva. *Revista Latinoamericana de Etnomatemática* [Internet], 6(2):8-23, 2013. Recuperado de: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=274028386002>>.

OLIVEIRA, C. B. E. de; MARINHO-ARAÚJO, C. M. A relação família-escola: intersecções e desafios. *Estudos de Psicologia*, 27(1), p. 99-108, jan/mar. 2010.

PEREZ, S. C. B. *Um estudo das representações de professores no ensino fundamental I de escolas públicas e privadas sobre dislexia entre os saberes teóricos e os desafios da ação pedagógica*. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo Faculdade em Educação, São Paulo, 2016.

REIS, A. P. *A importância do orientador educacional no processo de alfabetização de alunos disléxicos*. Universidade Candido Mendes, AVM Pós-Graduação Lato Sensu, Duque de Caxias, 2018.

RIBEIRO, F. L. *A Criança Disléxica e a Escola*. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Pós-Graduação em Educação Especial, Porto, 2008.

SANTANA, J. S. *Saberes dos concludentes do curso de pedagogia - UFC (2013.2) sobre dislexia*. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

SANTOS, J. F. *A afetividade e as relações dos professores e alunos com deficiência: concepções docentes*. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Pedagogia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2016.

SHAYWITZ, S. *Entendendo a Dislexia: Um novo e Completo Programa para Todos os Níveis de Leitura*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SILVA, R. A; CAVALCANTE, T. C. F. C. Reflexões sobre a construção cinematográfica da representação docente na última década. *Revista Atos de Pesquisa em Educação* (no prelo).


VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 4. ed. São Paulo: Fontes Editora Ltda., 1991.

Recebido em: 16/05/2022.

Aceito em: 12/01/2023.

Mirela Lopes de Castro

Mestranda em Educação e Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, UFPE. Graduada em Pedagogia pelo Centro de Educação, UFPE. Áreas de interesse: educação inclusiva e aprendizagem.

 mirelalopes@ufpe.br

 <http://lattes.cnpq.br/8631770647740262>

 <http://orcid.org/0000-0002-7603-718X>

Tícia Cassiany Ferro Cavalcante

Doutora em Psicologia Cognitiva, Professora Associada III do Departamento de Psicologia, Inclusão e Educação, do Centro de Educação, UFPE. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, UFPE. Áreas de interesse: educação inclusiva e aprendizagem.

Email: ticia.cavalcante@ufpe.br

 nome@dominio.com.br

 <http://lattes.cnpq.br/4008558849922269>

 <http://orcid.org/0000-0003-0007-0398>

Viviany Andrea Meireles Alves

Doutora em Nutrição, Mestre em Psicologia Cognitiva, Professora substituta da UFPE e da UNISÃO MIGUEL. Áreas de interesse: Aprendizagem, Linguagem e Motricidade Orofacial.

 viviany.meireles@ufpe.br

 <http://lattes.cnpq.br/6709745260988939>

 <http://orcid.org/0000-0002-0020-2185>